



## O livro didático como ativação de saberes vivos Pataxó

*The study-book as an activation of Pataxó living knowledge*

*El libro didáctico como activación del conocimiento vivo Pataxó*

Laura Castro<sup>1</sup>

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Carolina Fonseca<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás (UFG)

### RESUMO

O artigo relata o processo de criação e concepção do livro didático “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai” a partir de sentidos como livro-encontro, livro-vivo, livro-lugar e de compreensões acerca da pedagogia do encantamento e do *hãmyá*. As perguntas-guia do texto são: “Como pensar no livro não do ponto de vista de sua passividade, mas de sua ativação? O que ele suscita e como alimenta um fluxo, em permanente movimento?” A partir de sentidos didáticos referenciados como modos de compor com o livro, colocá-lo na roda viva da vida de cada comunidade escolar, cada leitor ou leitora de qualquer parte do Brasil, sendo possível, cantar, jogar, escrever, desenhar, mas, sobretudo, conectar as narrativas dos pataxó de Cumuruxatiba com suas próprias histórias de resistência, com seus mais velhos, o tempo espiralar de seu território, seus encantados. Se inscrever, encarnar e encantar a partir do livro. Livro como potência de territorialização de saberes vivos, que extrapolam a página em outros modos de aprendizagem, abrindo-se para o sentido de livro-corpo-território.

**Palavras-chaves:** Livro didático; Escola indígena; Corpo-território; *Hãmyá*.

### ABSTRACT

The article relates the process of creation and conception of the study-book "Kijetxawê Zabelê - Aldeia Kai" from senses such as meeting-book, living-book, territory-book and understandings about the pedagogy of enchantment and *hãmyá*. The guiding questions of the text are: "How to think about the book not from the point of view of its passivity, but of its activation? What does it bring about and how does it feed a flow, in permanent movement?" From didactic senses referenced as ways of composing with the book, placing it in the living circle of life of each school community, each reader from anywhere in Brazil, being possible, to sing, play, write, draw, but above all to connect the stories of the Pataxó of Cumuruxatiba with their own stories of resistance, with their elders, the spiraling time of their territory, their enchanted. Sign up, incarnate and enchant from the book. Book as a power of territorialization of living knowledge, which extrapolates the page in other modes of learning, opening itself to the meaning of book-body-territory

**Key-words:** study-book. Indigenous school. body-territory. *Hãmyá*.

---

<sup>1</sup> Professora adjunta no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atua no Bacharelado Interdisciplinar em Artes. <https://orcid.org/0000-0002-4428-5939>. Email: [lauracastro@ufba.br](mailto:lauracastro@ufba.br).

<sup>2</sup> Professora adjunta da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, onde atua no Laboratório de Design Interlocutório. <https://orcid.org/0000-0002-6871-9615> Email: [cacafonseca@gmail.com](mailto:cacafonseca@gmail.com).



## RESUMEN

El artículo relata el proceso de creación y concepción del libro de texto “Kijetxawê Zabelê - Aldeia Kai” a partir de significados como libro de encuentros, libro vivo, libro de lugares y entendimientos sobre el encantamiento y la pedagogía del hamamyá. Las preguntas orientadoras del texto son: “¿Cómo pensar el libro no desde el punto de vista de su pasividad, sino de su activación? ¿Qué evoca y cómo alimenta una corriente en constante movimiento?” A partir de significados didácticos referenciados como formas de componer con el libro, ubicándolo en el círculo vivo de la vida de cada comunidad escolar, cada lector de cualquier parte de Brasil, siendo posible cantar, jugar, escribir, dibujar, pero sobre todo conectan las narrativas de los Cumuruxatiba pataxó con sus propias historias de resistencia, con sus mayores, el tiempo en espiral desde su territorio, sus encantados. Inscríbete, encarna y encanta del libro. El libro como poder de territorialización del saber vivo, que extrapola la página en otros modos de aprendizaje, abriéndose al sentido de libro-cuerpo-territorio.

**Palabras clave:** Libro de texto. Escuela indígena. Cuerpo-territorio. *Hãmyá*.

## Escola e espinhas: entre cosmopolíticas, folhagens, sementes, terreiro e território

Você me perguntou há pouco sobre minha educação e alfabetização. Para mim e para meu povo, ler e escrever é uma técnica, da mesma maneira que alguém pode aprender a dirigir um carro ou a operar uma máquina. Então a gente opera essas coisas, mas nós damos a elas a exata dimensão que têm. Escrever e ler pra mim não é uma virtude maior do que andar, nadar, subir em árvores, correr, caçar, fazer um balaio, um arco, uma flecha ou uma canoa. (...) E quando aceitei aprender a ler e escrever, encarei a alfabetização como quem compra um peixe que tem espinha. Tirei as espinhas e escolhi o que eu queria. Acho que a maioria das crianças que vão hoje para a escola e que são alfabetizadas é obrigada a engolir o peixe com espinha e tudo. É uma formação que não atende à expectativa delas como seres humanos e que violenta sua memória. (KRENAK, 2015, p. 86-87).

A gente foi criança na aldeia e a gente sempre escrevia, escrevia com espinha de peixe, porque a gente não tinha caneta, essas coisas todas. Depois de saborear o pirarucu, a gente pegava a espinha e fazia caderno com folhas de bananeiras e escrevia com a espinha de pirarucu ..... (YAGUAKÃG, 2020).

Eu já pegava a espinha do tambaqui, era o que saía lá no terreiro, no chão. Dava aquela chuva, o terreiro ficava limpinho, aquilo era nosso papel. E era uma alegria, cada um desenhava o que tinha em seu coração e aquilo era fantástico (GUAYNÊ, 2020).

Nossos sábios indígenas falam que a escola tem que ser interessante, que a escola do contexto não indígena tem muito o que aprender com as nossas, porque nós sabemos fazer com que esse espaço seja interessante para os alunos. A essa matriz formadora principiada no território atribuo o mote para uma educação territorializada, que apresenta como ponto de partida e de chegada a potência da epistemologia nativa, presente na memória e na transmissão oral e ressonante em melodia na escrita xakriabá (XACRIABÁ, 2020).

Esses relatos anunciam relações entre aprendizado, território, alimento, escritas, coração, memória e escola. São imagens do pensamento que ancoram nesse texto como potências que vislumbram uma escola indígena visceralmente ligada ao seu território, ao



mesmo tempo em que perpassam a experiência da escola e da escrita como violência de ter que engolir o peixe com espinha à poética da escola viva como esse aprendizado que se expande rumo às folhas da bananeira, da terra do terreiro como folha de papel e da espinha-lápis-peixe.

Entre engolir o peixe com espinha e tudo e saborear o pirarucu e a alegria de desenhar com o coração abre-se uma fenda no espaço-tempo, nos processos de aprendizagem, na própria escola. É uma erosão, um abismo, uma cratera que atestam sentidos opostos, de um lado a violência, de outro, a criação e a alegria, podemos falar até em liberdade. Violência desencadeada pela ruptura com o território, dimensão fundante dos processos de aprendizagem dos povos originários, pela cultura colonial enfiada goela abaixo, muitas vezes em devir de substituição e não de complementaridade. Criação e alegria impulsionadas pela aprendizagem com/a partir/desde o território enquanto ligação e imbricação profunda com essa dimensão ancestral. A liberdade do espaço de ensino-aprendizagem ser mais do que quatro paredes, ser estendida ao território como substrato de onde nascem, frutificam e se transformam em saberes e fazeres, a própria escola.

A educação indígena não necessariamente é uma educação escolar indígena, ou seja, prescinde a escola e constitui seus ritos próprios, sendo muitos, nos mundos plurais de diversas etnias e culturas. Os professores e professoras, mestres e mestras das comunidades, nem sempre escolarizados pela educação formal dos brancos, trazem outras referências, podendo ter, por exemplo, a natureza e os mundos invisíveis como mediadores de caminhos de aprendizagem. Conhecimentos em movimento com a vida de suas comunidades, de tal modo que a escola não poderia monopolizar nem a educação muito menos o papel de outros aprendizados (CUNHA, 2016, p. 16).

Um livro didático, nesse sentido, pode ter uma centralidade dentro da escola indígena e não indígena que, com efeito, abafe a potência daquilo que emerge da vivacidade da escola como um corpo em movimento, em construção, assim como a todos os atores e mestres que compõem o cotidiano de cada estudante para além do espaço formal de educação. Foi nesse sentido que, como não indígenas vindas de outros contextos escolares, nos vimos aprendizes da escola indígena para além de seu espaço formal, mas nas ativações de um corpo-território, de poéticas expandidas. No desafio de organizar um livro com a comunidade pataxó da Aldeia



Kaí, no extremo sul da Bahia, mais especificamente no anexo da aldeia do Colégio Estadual Kijetxawê Zabelê, como fazedoras de livro, fomos guiadas a encontrar o livro no território, um livro-escola, um livro-lugar, onde a experiência e a autoria coletivas eram a chave mestra do processo criativo.

Antes de falar propriamente da publicação nascida desse encontro, como quem pede licença, somamos às imagens das espinhas de pirarucu e tambaqui como lápis e das folhas de bananeira e da terra do terreiro como superfícies de uma escrita outra, mais ressonante e melódica, a pedagogia do *hamyá* de Dona Zabelê, anciã pataxó importantíssima para a resistência de seu povo, sobretudo do ponto de vista da retomada da língua patxôhã, assim como as experiências de aprendizagem mediadas por ela e seus modos próprios de provocá-las. Zabelê que dá nome à escola e a este projeto, que não precisava ser alfabetizada na língua dos brancos para ensinar os nomes e numerais aos seus, o sabor das palavras em patxohã, a escrita das conchas, as sementes da mata, na dança e no canto, de quem lê o mundo antes da palavra, de quem sabe encantá-lo. Abaixo, reproduzimos o depoimento da professora e pesquisadora pataxó Cristiane Oliveira (Jandaia Pataxó), que, com detalhes, nos ensina da força dessa pedagogia de Zabelê.

A educação que tive primeiramente foi a educação cultural por Luciana Maria Ferreira (Zabelê) ajudada pela sua filha. Esse conhecimento ocorreu em rodas de causos contados por ela perante os sobrinhos e netos, principalmente. As aulas eram de dia, o aprendizado incluía escrita de nomes e contagem dos números. Posicionada no centro da roda, Zabelê entoando a chula a seguir, dançava com um graveto na mão encenando estar escrevendo no chão. Mas, ao invés de letras, traçava linhas e rabiscos aleatórios no chão. Pois, Zabelê não sabia ler nem escrever: “Caboco de Pena, escreva na areia. Caboco de Pena escreva na areia! Escreva meu Caboquinho o nome da aldeia. Escreva meu Caboquinho o nome da aldeia”. Tinha vez que as letras do alfabeto e os numerais desenhados no chão de areia se misturavam às delícias da gastronomia Pataxó que minha avó Martinha (Dona Buru) chegava para a gente degustar. (...) Peixe na patioba, beiju, farinha de coco e tapioca . . . A comida era a recompensa para quem dançasse e escrevesse o nome correto na areia. Catar sementes na mata, conchas na beira da praia, fazer colar, cortinas, abajour, se transformava em oportunidades para a gente aprender a contar, escrever os números, resolver operações mais simples. Quem se destacasse no que fazia e demonstrava aprender, ganhava a vestimenta mais enfeitada para dançar na festa da puxada do mastro de São Sebastião em Cumuruxatiba no dia 20 de janeiro. (...) Assim, entre 11 e 12 anos (1986 – 1987) quando fui para a escola, já conhecia as letras do alfabeto, sabia escrever meu nome, contar e escrever os números. Portanto, se o povo Pataxó se mantêm até hoje, tem sido graças aos mestres e às mestras da cultura como



Zabelê, minha avó Buru e outras pessoas anônimas espalhadas por aí, dentro e fora das nossas aldeias” (OLIVEIRA, 2008).

Numa espécie de escrita como encenação, como brincadeira, como cantoria, o aprendizado aqui escapa à escola como instituição formalizada, como método de alfabetização curricularizado e afirma-se como pedagogias e aprendizagens pataxó, bem nomeadas em patxôhã como práticas do campo do *hãmyá*. Além de Cristiane Oliveira, primeira pessoa que acreditou neste projeto de livro, o pesquisador e professor Paulo de Tássio Borges foi o nosso conselheiro pedagógico nesse processo criativo e foi quem nos chamou a atenção para a pedagogia do *hãmyá* como perspectiva de brincar, devanear e poetizar no processo de ensino-aprendizagem da escola pataxó, sendo também um convite para pensar as cosmopolíticas curriculares pataxó (BORGES, 2019, p. 105). Foi nessa canção de Dona Zabelê que nós também experienciamos, junto às crianças, as ensinagens dessa pedagogia e, só assim, no corpo do brincar, foi possível entender como vivas a escola, o livro, o território e suas presenças. Neste texto, narramos o nascimento do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kaí”<sup>3</sup>, no âmbito do projeto Edições Zabelê, como experiência de feitura e de proposta desse material didático gestado e nascido nessa escola pataxó, como seu fortalecimento e de outras escolas indígenas.

### 1. Do livro que nasce do encontro: “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kaí”

No livro nos encontramos. Uma comunidade escolar pataxó e um grupo de professores-artistas. Encontro entre gravura e alfabeto, letra e borracha, entre carimbo e grafismo pataxó, entre impressões e virtualidades, entre o Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, Anexo Kaí e algumas universidades públicas brasileiras (Universidade Federal do Sul da Bahia, Universidade Estadual da Bahia, Universidade Federal de Goiás), entre livros e tecidos, entre crianças e adultos, entre o coletivo Sociedade da Prensa<sup>4</sup> e a artista

<sup>3</sup> Livro disponível gratuitamente no site do projeto Edições Zabelê: <http://www.edicoeszabele.com.br/>.

<sup>4</sup> A Sociedade da Prensa surgiu em 2013 como um ajuntamento coletivo curioso em soluções gráficas artesanais e técnicas de impressão de baixo custo. Como o próprio nome sinaliza, o interesse girava em torno de velhos equipamentos e antigos ofícios gráficos agregadas a novas técnicas bem como a novos modos de produção de impressos. Com ateliê abrigado no centro antigo, na Rua Direita do Santo Antônio Além do Carmo, em



indígena Rita Pataxó. encontro como potência de afetação, como acontecimento regido pela alteridade, como abertura de um outro em nós, como acionamento de diferenças.

O Colégio Indígena Kijetxawê Zabelê foi criado a partir da Portaria nº 1.181, em 2006, depois de muitas lutas pelo ensino diferencial da comunidade pataxó do território Kaí-Pequi. Recebeu seu nome de Dona Zabelê, Luciana Ferreira, hoje falecida, fundamental na reivindicação por uma escola diferenciada e intercultural. O colégio é nucleado em seis aldeias, sendo uma delas a Aldeia Kaí. A comunidade escolar é formada por estudantes desde o ensino infantil até a educação de jovens e adultos (EJA). O grupo de professores inclui indígenas da aldeia e não indígenas, moradores de Cumuruxatiba, distrito de Prado, onde se localiza o território.

O projeto “Edições Zabelê: produção de materiais didáticos em escolas indígenas”, vinculava-se ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, do Campus Paulo Freire, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), contava com docentes de diferentes *campi* da UFSB, assim como a colaboração docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi gestado desde 2016 e teve, como uma das principais interlocutoras do processo, Rita Pataxó, na época, também diretora do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê.

Nosso primeiro contato aconteceu quando, em janeiro de 2016, a aldeia sofreu uma violenta e humilhante reintegração de posse que destruiu todas as ocas, casas, plantações e um posto de saúde. Cerca de 100 policiais federais e militares invadiram a área, expulsando a comunidade do seu território, cumprindo o mandado de reintegração de posse favorável à suposta proprietária da terra, outorgado no ano de 2015. Eram muito nítidas as marcas da devastação e claro todo o sofrimento dos pataxós que ali viviam. Depois da destruição das construções, havia acontecido uma retomada feita pelas mulheres do território que possibilitou que eles retornassem à terra.

Naquela época, em meio às narrativas e ao cenário de devastação, uma coisa intrigava no território arrasado pela violenta reintegração de posse. Apenas a escola Zabelê na Aldeia

---

Salvador/BA, a produção do coletivo girava em torno de diversos materiais gráficos como cartazes, livros, catálogos, entre outros, sempre com uma linha de pesquisa experimental em torno, sobretudo, da publicação.



Kaí havia sobrevivido aos tratores e servia agora de cozinha, de quarto, de habitação para muitos. Como o colégio é estadual, naquele momento de pé, ela apontava uma saída estratégica para o fortalecimento do território como um todo. Como revigorar ações junto ao colégio poderia contribuir na luta para assegurar também aquele território, naquele momento tão instável e arriscado? Fazer um livro, então, no âmbito de um projeto de extensão, com a comunidade escolar para essa e outras comunidades escolares, indígenas e não indígenas, figurou como uma tática transversal.

O que pode um livro? Como pensar no livro não do ponto de vista de sua passividade, mas de sua ativação? Como pensar em um livro vivo? Nas suas múltiplas possibilidades, um livro expandido, na mata, no mar, na aldeia, experimentado? O que ele suscita, como alimenta um fluxo, em permanente movimento? Um livro que não encerre as narrativas sobre esse território, mas sim que as multiplique na oralidade, na vida da escola? Dessa escola e de outras escolas indígenas, de escolas não indígenas, de cursos de licenciatura, na formação de professoras e professores? Há algo desse processo que escapa o tempo todo do livro, escapa do próprio livro. É como o professor Ajuru Pataxó, de Coroa Vermelha, falando do projeto político-pedagógico da escola em que trabalha, “quando fechamos uma BR para lutar por alguma pauta da comunidade, isso é educação escolar indígena, faz parte do PPP”<sup>5</sup>.

O projeto Edições Zabelê, materializado nesse conjunto de materiais didáticos, foi disparado pelo desafio de construir um livro que, nascido no coração da escola, pudesse retornar a ela e a muitas outras escolas no estado da Bahia e em todo país. Um livro-lugar, um livro-encontro, um livro-escuta que pudesse confrontar o livro como objeto de dominação, como projeto iluminista, como cartilha doutrinadora, como instrumento de colonização. Um livro coletivo, com várias autorias de escritas e desenhos. Histórias vividas com as crianças na mata. Rodas de desenhos. Letras das incríveis canções do grupo Meninas Sentir no Canto, estudantes da Zabelê que, depois da violenta reintegração de posse no território, criaram o grupo para fazer músicas e dar seu recado<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Fala dita no Seminário Itinerante Edições Zabelê, em abril de 2019, na ocasião do lançamento do livro, em Porto Seguro.

<sup>6</sup> Importante conhecer o trabalho dessas jovens que, além de cantoras e compositoras, são “youtubers” e criam vídeos através dos quais documentam seus cotidianos com a música, com pesquisas da escola, com vistas a fortalecer a cultura pataxó. Este é o endereço eletrônico de seu canal, intitulado Jovens Indígenas: <https://www.youtube.com/channel/UCfNiXX6BD6OeiT1A40wuxw>

A série de oficinas do projeto contemplavam as etapas de produção de um livro, tais como encadernação artesanal, serigrafia, escrita criativa, ilustração, e aconteceram em turmas do ensino infantil, fundamental, médio e EJA. Nas oficinas, configurou-se um intenso processo em que aprendizes e mestres, estudantes e professores se viram inúmeras vezes em posições invertidas. Os espaços de aprendizagem extrapolavam o tempo todo a estrutura das oficinas pensadas inicialmente para a produção colaborativa do livro, expandindo-se rumo às vivências na aldeia, às contações de história das lideranças e dos mais velhos. O livro nasceu, de fato, da convivência com o território e os incontáveis sentidos que professores, estudantes, lideranças, crianças, anciãos acionavam em cada experiência contada e vivenciada.

Vimos surgir o livro no “aqui agora” desse trabalho. Um modo de edição que diz muito também da equipe de professores-artistas desse projeto. A equipe das Edições Zabelê, agregada do coletivo gráfico Sociedade da Prensa, trazia consigo modos de fazer livros que revelam um pensamento editorial. Um jeito de nos lançarmos no caminho para fazer livros de uma maneira radicalmente experimental, a partir de experiências coletivas não previstas, levantando e provocando tudo que for matéria de edição que parecer coerente no percurso de escuta e escrita, de impressos e impressões.

O livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai” explicita no próprio título a reverência ao território, encadeando o nome do colégio e da aldeia. Ele foi editado no contexto da educação escolar indígena, pensado para ser usado em sala de aula, mas tendo a publicação como mobilizadora de outros encontros, afetos, no sentido permanente de desdobramento. Além de atividades no próprio livro, há aquelas que propõem uma saída do livro para uma vivência, tanto em sala de aula como a ciranda de desenhos no capítulo de “Encantamentos”, como no contexto da comunidade e na experiência territorial, no convite a conversar com os mais velhos na construção da atividade do “Calendário Lunar” e o ABC de ervas ou mesmo a escrita de uma carta para enviar para a Zabelê, com o endereço físico da secretaria da escola, além dos convites em que cada comunidade pudesse construir suas cronologias e seu catálogo de ervas.

Um livro com caráter didático, mas cujo caráter pedagógico aciona sentidos da pedagogia do encantamento e da pedagogia encarnada (RUFINO, SIMAS, 2020) que possa



convocar presenças vivas e ancestrais. As diversas didáticas são um modo de compor com o livro, colocá-lo na roda viva da vida de cada comunidade escolar, cada leitor ou leitora de qualquer parte do Brasil, sendo possível cantar, jogar, escrever, desenhar, mas sobretudo conectar as narrativas dos pataxó de Cumuruxatiba com suas próprias histórias de resistência, com seus mais velhos, o tempo espiralar de seu território, seus encantados. Se inscrever, encarnar e encantar a partir do livro.

Livro como expressão de múltiplos e incessantes significados históricos e políticos. Quais políticas esse livro instaura no contexto escolar indígena e para além dele? Essa política convoca a desestabilização do livro estritamente como símbolo de um único modo de conceber o conhecimento pela perspectiva alfabética e texto centrada. O livro-encontro e o livro-lugar convidam ao exercício de um livro como guia, mas não como fim. Um livro convite para a conversa com os anciões, as trocas de correspondência na escola e com o mundo, a colheita das ervas, o caminhar em busca dos encantados, o escrever com as letras móveis. O livro não é o todo, mas também partes em fragmentos como suporte de outros jogos narrativos.

## **2. Pedagogia do encantamento e do *hãmyá* como resistência à colonização**

Logo na primeira etapa da nossa residência artístico-pedagógica, Talita Pataxó, jovem liderança da comunidade que integrava a equipe como artista-fotógrafa do projeto, nos falou sobre a dificuldade de se deparar apenas com as histórias de luta, muitas vezes sofridas e dolorosas, e muito pouco se falar dos encantados, da poesia que existe nesse universo. Tempos depois, Talita nos disse que os encantados eram relações vivas que a colonização foi incapaz de matar, eram forças criadoras da possibilidade da resistência Pataxó.

Essa página compõe a história “Iamani” criada pelas crianças a partir de fios fragmentários de narrativas de seres encantados, tramados ao modo da feitura de um cesto ou de um colar. Uma história tecida a muitas mãos – memórias, ilustrada também pela força coletiva dos encontros no Clube de Desenho, criado ao longo da residência das Edições Zabelê. Duas presenças protagonistas: Xica, criança da Aldeia Kaí, grande anfitriã do projeto; Zabelê, anciã referência na resistência nas pedagogias pataxó. Duas pontas extremas da vida,

uma criança e outra anciã, duas pontas também encantadas na memória das “epistemologias nativas” (XACRIABÁ, 2020). Vidas protagonistas materializadas como parte da narrativa do livro, umbilical e ancestral, constitutiva do conhecimento territorializado defendido por Célia Xacriabá (2020).

Xica sorriu mais uma vez, encantada, e foi contar toda a aventura para os colegas na Kijêtxawê Zabelê, sua escola.

Nesse momento, uma zabelê passou cantando, guardando vivas todas as mais velhas da comunidade que encantam e ensinam crianças, jovens e adultos daquele lugar.

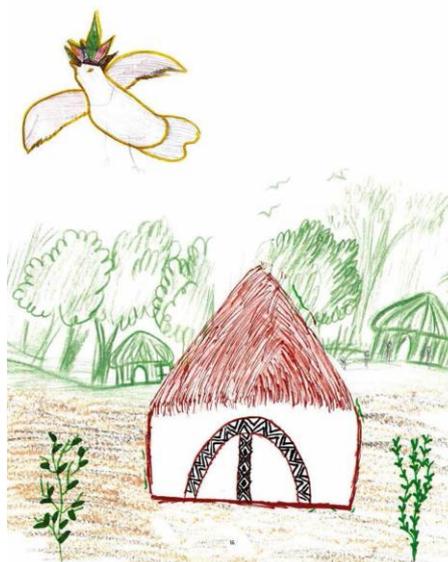


Imagem 1: Página da história Iamani do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai”  
Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.

Nas oficinas de criação de histórias e de desenhos, os encantados foram mote dos nossos processos criativos, disparadores de imagens encantadas, histórias compartilhadas do disse-me-disse, de modo que a brincadeira nos invadiu e a escola ganhou uma dimensão expandida no quintal doméstico das casas adjacentes, da oca dos artesanatos, das trilhas entre as moradias, a represa e a mata. Os encantados foram confeccionados com uma base de papelão vindo de caixas, com desenhos e incorporação de materiais do mato, como sementes, flores, galhos e outros, coletados pelas crianças, no próprio território. Como uma espécie de uma máscara, com corpo e tudo, as peças tinham mais ou menos o tamanho das crianças e poderia ser postas no corpo como numa brincadeira de incorporar cada encantado, num jogo de ser outros. Foi assim, mascaradas e incorporadas pelas forças dos encantados que vivemos



a história da mãe d'água, chamamos na mata como a caipora, vimos boitatá e caboclo de pena. Os encantados desenhados, pintados, colados, carimbados em papelão do tamanho das crianças eram material didático-poético de um aprendizado outro, em que cantamos, rimos, vivemos, assim, um livro-vivo.



Imagem 2: Páginas 36 e 37 do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai”  
Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.

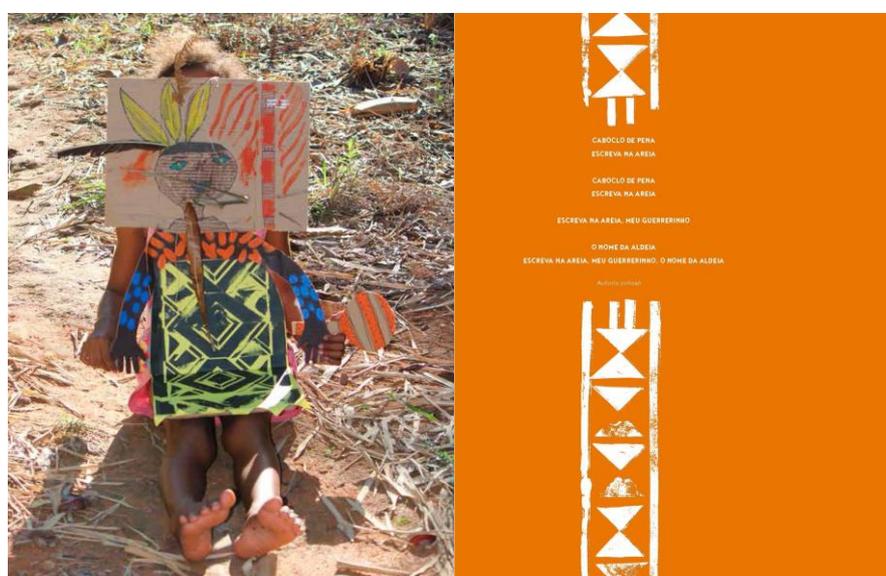


Imagem 3: Páginas 82 e 83 do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai”  
Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.



Tomadas por uma pedagogia do *hamyá*, que em patxôhã significa dançar, mas assume também acepções como devanear, sonhar e brincar, fomos convocados viver práticas decoloniais da escola indígena, o que nos fez pensar também de como o livro poderia emergir justamente do brincar, do devanear, daquilo que pudesse ser sonho e dança a um só tempo.

Nesse fluxo de aprendizagem, dançamos e brincamos a partir da coleta de folhas, galhos, cascas e flores, acontecimento como vínculo profundo das crianças com o território. Presenciamos gestos corajosos, outros delicados. Nos alternávamos num caminhar amalgamado nas estradas largas, onde conversávamos embolados e um caminhar enfileirado nas trilhas mais fechadas, aquelas que só elas, as crianças, viam e nos guiavam. Mostravam os achados umas às outras e iam pelos tantos caminhos além da estrada traçada no chão, atravessavam pequenos desvios e depois voltavam ao trilheiro ou à estrada. Suas andanças costuravam um saber espacial vivo. E tudo isso, num pequeno trecho, era o caminho entre a escola e casa de Janairi, uma das crianças que precisavam ser buscadas naquele dia, pois a visita tinha sido uma surpresa, ela também não nos esperava.

Na perspectiva do *hãmyá* como pedagogia pataxó há, portanto, a potência da brincadeira, do devaneio, dos sonhos pelas suas qualidades de desterritorialização de lugares engessados pela escola tradicional, colonizadora e castradora da experiência, mas, ao contrário, como um lugar livre de atravessamento, de criação de afetos. Um ensino-aprendizagem que possa se fazer sem alicerçar-se em resultados esperados, na sua potência de experimentação e de processualidade, que não está limitada à palavra escrita. Aprendemos, dessa forma, que a escola poderia ser vivida com uma liberdade estendida por esse corpo-território, admitindo a possibilidade do acaso, trilhando sabenças encantadas que trazem consigo “força para afugentar o espectro colonial”, rompendo limites de compreensões pavimentadas em noções disciplinares e colonizadas, sendo possível, por isso, “se inscrever em outras dimensões” do vivo e do saber (RUFINO, SIMAS, 2020. p.10).



### 3. Do livro que extrapola a página em outros modos de aprendizagem

O momento mais radical na realidade material da publicação é a proposta de cortar o livro. Esse objeto tradicionalmente tão apartado da intervenção do estudante, que pouco pode ser interferido, sobretudo nas escolas públicas, apresenta uma gama de possibilidades aos estudantes, sobretudo no alfabeto móvel do ATXÚHU KAÍ. Com as letras, muitas possibilidades para o criar. É possível inventar um jogo, fazer um tabuleiro com uma trilha alfabética, brincar de encontrar palavras – em português ou em uma língua indígena – com sorteio das letras, construir frases, pendurá-las na parede, são algumas sugestões que damos. ATXÚHU significa “linguajar” em patxôhã, a língua dos pataxó, nome que é dado pela comunidade para nomear essa tipografia criada coletivamente no projeto Edições Zabelê, uma tipografia que guiou nossa publicação final, o livro didático “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai” e que deu origem a um livro artesanal, que chamamos de livro-alfabeto e a criação de um fonte tipográfica digital, que está disponível para download e pode ser usada em processadores de textos de computador<sup>7</sup> (PATAXÓ, 2018).

Uma vez estando as letras recortadas, no entanto, é impossível prever seus desdobramentos. Se essas letras ganharão cadernos, paredes, cartas de amor, cartaz de protesto, ninguém sabe. Também não nos interessa saber ou prever, mas sim pensar na suspensão do que há no livro e tem sua potência proeminente de acontecer. O acontecimento nos traz ainda as qualidades daquilo que se dá a partir do encontro com o livro, do *aqui e agora* do/a leitor/a. O livro, portanto, como movimento da sala de aula, não como paragem. Um livro que é profanado ao ser recortado e ganha vida para além da brochura.

A tipografia das letras nasceu no encontro de saberes com Rita Pataxó, em que fizemos carimbos a partir de uma técnica por ela criada e praticada em estamparias, roupas, bolsas. Com os carimbos feitos de madeira e EVA, vivenciamos o que chamamos de carimbaço, em que crianças de nove anos até professores com mais de 50 anos carimbavam as letras iniciais de seus nomes e tramavam conexões das mais diversas com as letras que surgiam. Impressos nesse alfabeto estão as memórias e os afetos gerados por esse encontro. Dessas letras se desdobram palavras de resistência e narrativas de retomada.

<sup>7</sup> Para baixar a fonte: <http://www.edicoeszabele.com.br/2019/02/tipografia-atxuhu-kai.html>

ATXÚHU KAI

ATXÚHU significa "linguajar" em patxôhã, a língua dos pataxó. O linguajar é como toma forma uma língua e foi este nome escolhido pela comunidade da Aldeia Kai para nomear este alfabeto. Elaborado nas fogueiras de junho de 2018, o ATXÚHU KAI foi construído a partir de um encontro de saberes com a artista indígena Rita Pataxó, que desenvolve uma série de carimbos artesanais em madeira, em Cumuruxatiba, e trabalha também na Kijêtxawê Zabelê. Rita cria bolsas, roupas e diversos produtos estampados com esta técnica, com cores e padrões gráficos que, muitas vezes, ela mesma cria. Para muitos, os grafismos e as pinturas corporais são escritas dos povos indígenas.

O carimbo também pode ser entendido como uma técnica de impressão artesanal, que independe de grandes maquinários. Foi dessa junção que a Sociedade da Prensa e seus companheiros, na ocasião da Residência Artística dessas Edições Zabelê, construíram junto aos estudantes e professores do Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, as letras desse alfabeto, assim como a série de carimbos nelas estampados, desenvolvidos também por essa comunidade escolar abrigada na Aldeia Kai, de onde nasceu este ATXÚHU. Impressos nesse alfabeto estão as memórias e os afetos gerados por esse encontro. Dessas letras se desdobram palavras de resistência e narrativas. Victor Fabem, estudante de Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia e um dos bolsistas deste projeto, transformou o alfabeto do ATXÚHU KAI em uma fonte de computador. Você pode entrar no nosso site [www.edicoeszabelê.com.br](http://www.edicoeszabelê.com.br) e baixar essa fonte gratuitamente. Lá você encontra também outros materiais assim como este livro em sua versão virtual disponível para download. Não deixe de conferir!

#### ATIVIDADE



Aqui, no livro, você encontra as letras do Atxúhu Kai. Recortando-as, é possível criar uma série de cartinhas e jogos. Por exemplo, você pode organizar uma rodada de sorteio das cartas em que cada jogador deve dizer uma palavra - em português ou patxôhã - que comece com a letra que tirar. Ganha o jogo quem acertar mais palavras e, por isso, acumular mais cartas. Você pode construir também, com seus colegas, um enorme tabuleiro com cartolina, papelão ou qualquer papel mais duro. Faça um local de partida e de chegada, construindo um caminho de letras entre esses dois pontos. Jogando um dado, cada jogador deve percorrer essa trilha alfabética. Sempre que parar em uma letra, é o momento de dizer uma palavra. Essas cartinhas servem também como alfabeto móvel, para construir frases, pendurá-las na parede. Seja criativo e cuide sempre para não perder as suas valiosas cartinhas do Atxúhu Kai.

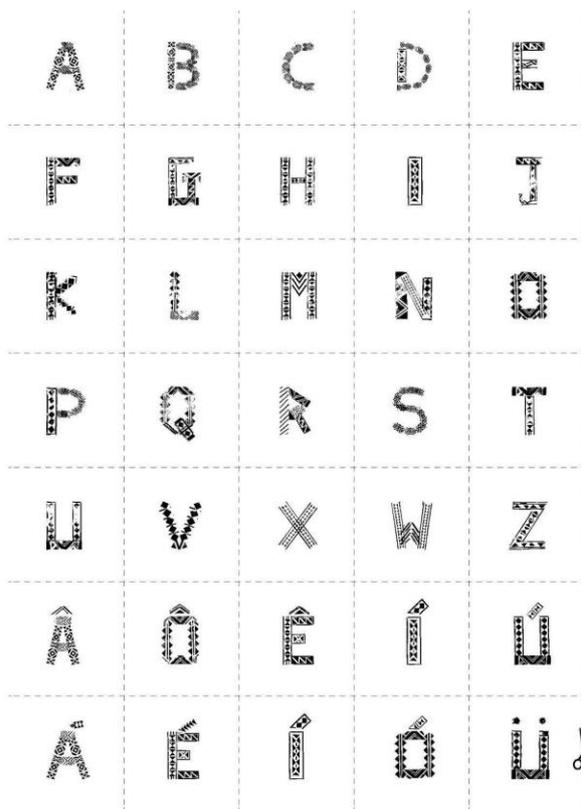


Imagem 4: Páginas 28 e 30 do livro “Kijêtxawê Zabelê – Aldeia Kai”  
Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.

O esforço criativo desse gesto foi reunir lições de tudo que é possível ver acontecer a partir do encontro e da escuta, acontecimentos que incendiam afetos e presenças, corporalizado na união do carimbo sobre o papel. Tudo isso que aqui surge em torno da carnadura concreta dessa tipografia, desse livro, sua voz premente de escritas sobre escritas, por onde nasce fontes e frentes de luta na disputa de narrativas, no seio do Extremo Sul da Bahia, território pataxó.



#### 4. Do livro territorializado em saberes vivos

A escuta de Célia Xacriabá (2020) quanto à força da educação territorializada praticada em diversas escolas indígenas manifestou-se na nossa convivência com a comunidade pataxó do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, Anexo Kaí, ao longo de todo projeto “Edições Zabelê”. Desde a relação de vizinhança entre as casas das famílias moradoras desse território indígena e a escola, a intimidade entre as crianças e os caminhos e trilhas do território e particularmente com a represa e as matas mais adensadas, a visceralidade das narrativas de retomada do território e o desejo coletivo de que elas figurassem nas primeiras páginas do livro. A conquista da educação escolar indígena, nesse sentido, era consequência das lutas e dos processos de retomada, como bem coloca a professora e pesquisadora Cristiane Oliveira (2019).



Imagem 5: Páginas 18 e 19 do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kaí”

Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.

A dimensão do território nessa escola pataxó, nesse sentido, vai além de um entendimento de “pedra e cal”, de um lugar específico e estável, a escola como construção material. Como um ponto de memória inscrito no corpo da aldeia e, por conseguinte, da kijetxawê, com suas marcas, a terra era, por si só, capítulo prenhe de narrativas de invasões e retomadas, destruições e reconstruções, de presenças e ausências, passado e presente. Estar na escola era coextensivo a estar em intensivo contato, convivência e escuta com o próprio território indígena como narrador e protagonista. Narrativas nem sempre decodificadas<sup>8</sup> pelo alfabeto, pelo verbo, mas por outras percepções e sensações do campo do comum, acordadas pelo caminhar, pelo ocupar, pelas materialidades. Dessa percepção, emergiram sentidos como livro-vivo e livro-lugar que guiaram toda a construção do livro impresso.

Ainda que signifique uma prática sedimentada pelo território, Célia Xacriabá nos convoca a pensar em relações expandidas na direção do corpo-território, ou seja, um modo de implicação e copresença entre essas duas dimensões:

O contato, desde pequenos, com o barro, com a terra, é uma experiência significativa que aproxima a criança com os dois corpos que constituem a nossa pertença, o corpo como território e o território como corpo.... A intelectualidade indígena não está apenas na elaboração do pensamento que acontece na cabeça. Está na elaboração do conhecimento produzido a partir das mãos, das práticas e de todo o corpo. Todo corpo é território e está em movimento, desde o passado até o futuro. É aí que a intelectualidade indígena acontece. ... A inteligência pode ser adquirida com o tempo da escola, já a sabedoria é outra temporalidade, exige um movimento maior da mente, mas também do corpo. Um conhecimento não é apenas elaborado pela mente, é elaborado também pelo exercício da prática com as mãos. (XACRIABÁ, 2020).

Célia Xacriabá propõe um profundo debate em torno da inteligência e da sabedoria, da memória ativa e passiva do corpo-território e nos provoca a reposicionar pressupostos pedagógicos diante dessa prática com as mãos. Tais práticas manifestaram-se presentes no trabalho de pesquisa desenvolvido pela professora Lôra de catalogação da sabedoria das

---

<sup>8</sup> E para nós, forasteiras da comunidade, narrativas nem sempre decodificadas, permanecendo um enorme campo de mistério, ilegível a nós, ao qual temos muito respeito, pois sabemos do seu valor, sobretudo numa terra que já sofreu tantas invasões, saqueamentos e devastação. O Rio Kaí é assim mencionado na Carta de Pero Vaz de Caminha que documenta que a barbaridade da colonização começou bem cedo para os povos originários do litoral do Sul da Bahia ao passo que a comunidade pataxó de Cumuruxatiba até hoje sofre com as acusações dos fazendeiros de que nunca houve indígenas nessas terras.

propriedades terapêuticas de ervas presentes no corpo-território da comunidade escolar da Aldeia Kaí. Mãos que colhem, mãos que maceram, mãos que descascam, mãos que coam, mãos que cortam folhas, sementes, frutos, cascas.



Imagem 6: Páginas 84 e 85 do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai”  
 Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.

Quando chegamos ao colégio, Lôra, professora da escola, nos mostrou um arquivo imenso de fichas de plantas usadas como medicina, como saber ancestral de cura e conexão entre corpo e território desenvolvidos pelos/pelas estudantes do ensino médio no tópico de química. Era um arquivo vivo, as fichas eram elaboradas com folhas naturais coladas ao papel, colhidas no próprio território e ganharam páginas, imagens sobreimpressas, poesias para saúde coletiva. E cada ficha era configurada dentro de desenhos de margens e letras compostas por grafismos pataxó. O conjunto ressoava uma amostragem sensível, encarnada, uma outra possibilidade de educação ambiental enquanto ecologia viva, guiada pela experiência ancestral de cura dessa comunidade.

Eram centenas de fichas e o desafio passou a ser como processar o conjunto, como o livro acolheria a riqueza desta pesquisa e compilação já configurados? Havia um limite diante das próprias limitações editoriais do livro. E o dilema apontou para o território e a memória,

ou seja, esse arquivo inestimável de Lôra e seus/suas estudantes era semente de uma sabedoria incomensurável e, particularmente, específica e territorializada. O catálogo de plantas medicinais dos pataxó da Aldeia Kaí é específico e diferente do catálogo dos povos amazônicos, dos povos habitantes do cerrado e, assim por diante.



Imagem 7: Páginas 90 e 91 do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kaí”  
Fonte: acervo do projeto Edições Zabelê.

O arquivo que parecia estar concluído passou a significar o convite à ampliação dos processos de catalogação das plantas terapêuticas em cada comunidade escolar em que o livro estivesse inserido. O arquivo não como fim, mas como abertura de caminhos para o colher as ervas e localizá-las em seus territórios, para explicitar os desafios do seu cultivo, para relacionar pesquisador/pesquisadora ao território, para perguntar aos mais velhos usos, processos de preparo, potências, riscos, histórias, surpresas, plantios e encantos das plantas. Essa vastidão de sabedoria, cuja temporalidade de aprendizado pressupõe o mergulho, o enraizamento e o cultivo do corpo-território enquanto saber encarnado nas mãos e nas memórias ativas como elo entre presente, passado e futuro.



### **Do livro-vivo, livro-lugar, livro-encontro: aberturas para o livro-corpo-território**

Aqui relatamos algumas intensidades e vivências de onde e de quando nasceram variadas e pequenas porções-ferramentas-fragmentos do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai”, livro didático nascido dessa comunidade escolar pataxó. Livro-encontro agenciado na escola e seu vasto e intangível território, expandido em muitos nascimentos, brotamentos e germinações. Dimensões viscerais, vívidas e absolutamente indizíveis ocupam um limbo na passagem tentativa do livro vivo ao livro impresso. Muita coisa se perde, mas muito, em suspensão, fica à espera de novas leituras, na abertura imensa para o criar dos olhos livres das crianças, dos/das estudantes, professoras e professores, da potência de suas leituras do mundo e das palavras. Sentimos, com esse percurso, que o livro físico nasce de um livro vivido, na incorporação de rastros e registros às páginas impressas. A publicação guarda ainda seu poder de afetar, de poder conectar seus leitores/leitoras a um sentimento de autoria e pertencimento.

Os relatos do fazer, criar e ativar a partir do livro “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai” esboçam desejos de uma educação territorializada (XACRIABÁ, 2020) também como modo e estratégia de fortalecimento do direito territorial dos povos originários. Percorrem caminhos e trilhas que conectam conhecimento, sabedoria e epistemologia nativa materializadas na terra do terreiro-página; na espinha do peixe gravando saberes vivos sobre folhas de bananeira; nos gravetos inscrevendo escritas-rastros do Caboco de Pena na areia. E em todos esses caminhos, evidências do corpo-território mobilizado a partir das mãos sobre o barro da escrita de Célia Xacriabá, sobre as ervas do ABC da turma da professora Lôra, sobre os grafismos carimbados por Rita Pataxó, sobre os colares de sementes e conchas de Cristiane Pataxó (OLIVEIRA, 2008).

Esse livro, finalizado enquanto material impresso, quer continuar sendo movedor da criação da comunidade escolar pataxó da Kijetxawê Zabelê e de outras por onde ele andar. Como material didático-pedagógico ele não encerra nada, pelo contrário, ele quer ser expandido, quer ganhar vida para além dele, quer estar aberto para ser re-territorializado. Ele quer provocar conversa, despertar perguntas, quer ser levado até às ervas, à fala dos anciões pataxó, bibliotecas vivas. Ele quer ser jogado, vivido, interferido, modificado. Quer ser semente de outros livros, outras imagens, de palavra patxôhã. Esse livro quer ser móvel,

suscitar narrativas em outras escolas, indígenas e não indígenas, agregar histórias de outros povos originários desse mesmo país, tão imenso e diverso. O livro entorta linhas do tempo, imprime temporalidades pataxó, se constitui de contranarrativas, na contramão de uma história única, oficial, colonial. O livro pode cantar, encantar e encarnar. E é essa potência de metamorfose e esse milagre da multiplicação que pode transmutar um livro-didático em um devir corpo-território.

Nesse movimento de “um livro que quer”, um livro desejante, pode também assumir diferentes usos e disparar distintos processos fora e/ou dentro de sala de aula. Com um campo de ação largo e aberto ao acontecimento, conforme descrito no parágrafo anterior, tendo em vista que o livro didático se coloca, em geral, como instrutor e orientador rígido de práticas de ensino-aprendizagem. “Kijetxawê Zabelê – Aldeia Kai” é uma tentativa de se colocar de modo mais livre da autoridade de um livro que se basta, uma vez que requisita sempre mais um conjunto de vozes, atores e mestres para ser ampliado. Com isso, um livro que não quer ser espinha empurrada goela abaixo, mas que abra um espaço de alegria para criar o que se quer criar. Livros didáticos que, para além do campo institucional da escola, podem ser mediadores de processos de descolonização do pensamento e de indigenização de práticas educativas também para sujeitos não indígenas (XACRIABÁ, 2020).

Como fazedoras implicadas nesse livro somos antes de tudo aprendizes dele. Para nós, aliadas dessa luta pela educação escolar indígena, diferenciada, específica, intercultural, crítica, nosso maior aprendizado foi percorrer os caminhos de ativação de epistemologias e cosmopolíticas pataxó através do fazer do livro, de vivê-lo no corpo-território onde ele nasce. Com ele, também reflorestamos o campo da monocultura herdado pelos contextos escolares coloniais de onde viemos.



## Referências

BORGES, Paulo de Tássio. “Um caminho de poesias, brincadeiras e descolonizações”. In: CASTRO, Laura. FONSECA, Caca (org.). **Kijetxawê Zabelê: Aldeia Kaí**. 1. ed. Salvador: Sociedade da Prensa: EDTÓRA, ano.

CUNHA, Manuela Carneiro. “Políticas culturais e povos indígenas: uma introdução”. In: CUNHA, Manuela Carneiro. CESARINO, Pedro Niemeyer. **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

KRENAK, Ailton. “Receber sonhos” In: COHN, S. (org.) **Encontros Ailton Krenak**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

OLIVEIRA, Cristiane. **Relato professora Jandaia – Cristiane Oliveira, Aldeia Kaí**, 2008.

Disponível em: <http://saberesifba.blogspot.com/2018/> Acesso em: 10 set 2020.

OLIVEIRA, Cristiane. “Retomada do território”. In: Autor (org.). **Kijetxawê Zabelê: Aldeia Kaí**. 1. ed. Salvador: Sociedade da Prensa: EDTÓRA, ano.

PATAXÓ. **Atxúhu Kaí**. Cumuruxatiba: Edições Zabelê, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz. **Encantamento (sobre política de vida)**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

XACRIABÁ, Célia, 2020 “Amansar” o giz. In Revista Piseagrama. Edição n.14 **Futuro**. Belo Horizonte: Cidades Criativas, 2020.

YAGUAKÃG, Elias e GUAYNÊ, Uziel, 2020. **A literatura indígena de Elias Yaguakãg e Uziel Guaynê**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cIcIuDxK4yo&t=1342s>. Acesso em: 29 set 2020.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 30 de setembro de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 01 de dezembro de 2020.